

SUBVERSÃO E LEGITIMAÇÃO: O COMENTÁRIO COMO MODELO DA *EPISTRE OTHEA*, DE CHRISTINE DE PIZAN

SARA RODRIGUES DE SOUSA

Universidade de Lisboa

Christine de Pizan era já conhecida na corte régia pela sua produção poética, quando, em Janeiro do ano de 1401, apresentou ao duque Louis d'Orléans a *Epistre Othea*, naquele que veio a ser catalogado como ms. fr. 848 da Biblioteca Nacional de França¹. A *Epistre au Dieu d'Amours*, os *Enseignements moraux* e as *Cent Ballades* são alguns dos títulos com que conquistou o reconhecimento da sua arte na composição de textos de temática amorosa e didáctica, mas não a autoridade necessária para o empreendimento de projectos de natureza política, muito menos a autoridade necessária para que as suas obras fossem comentadas, citadas, imitadas e transmitidas como veículo de uma palavra verdadeira, isto é, como *auctoritates*.

A sua incursão pelo domínio poético e a oportunidade de compor e de apresentar a *Epistre Othea* podem, em certa medida, ser justificadas pelo facto de Christine de Pizan ter crescido no ambiente privilegiado da corte de Charles V, como filha de Tommazo da Pisano, reputado *medicinae magister* da Universidade de Bolonha convidado para aí desempenhar as funções de físico e astrólogo do rei. Mas essa proximidade não explica a multiplicação de cópias deste texto, de que se conhecem, hoje, quarenta e sete manuscritos completos do século XV², a sua divulgação pelas principais casas senhoriais da França e de Inglaterra (onde foi traduzida três vezes em menos de cem anos³), nem o vasto número de obras, em

¹ Foi Gianni Mombello quem identificou o ms. fr. 848 da BnF como a primeira redacção da *Epistre Othea*, com base na detecção de algumas hesitações e erros na empaginação, que levam a supor um exercício experimental, no facto de esse manuscrito conter apenas esse texto e de não se tratar de uma recolha e, ainda, na relativa pobreza da sua apresentação, dele constando um número reduzido de miniaturas. Já então Mombello sugeria a possibilidade de ter sido esse o manuscrito entregue a Louis d'Orléans, o que sendo conforme, de resto, à informação veiculada na dedicatória que precede o texto, não pôde, porém, ser confirmado pelos inventários da biblioteca da casa de Orleães, no tempo de Charles d'Orléans, que não mencionavam nenhum códice contendo este texto. Cf. Gianni Mombello, *La Tradizione Manoscritta dell'«Epistre Othea» di Christine de Pizan. Prolegomeni all'edizione del testo*, Torino, Accademia delle Scienze, 1967, pp. 28-29. Hoje, decorridos mais de trinta anos sobre esse estudo e identificados já os sucessivos dedicatários do texto (Louis d'Orléans, Henry IV de Inglaterra, o duque de Borgonha e o de Berry) graças aos trabalhos de Mombello e de Laidlaw, essa hipótese mantém-se sem que outra possibilidade se tenha ainda desenhado no horizonte da crítica. Cf. Gianni Mombello, «Per un'edizione critica dell'«Epistre Othea» di Christine de Pizan», *Studi Francesi*, 24, 1964, pp. 401-417 e 25, 1965, pp. 1-12; James C. Laidlaw, «Christine de Pizan: An Author's Progress», *The Modern Language Review*, 78, 1983, pp. 532-550; Gabriella Parussa, «Instruire les chevaliers et conseiller les princes: l'Epistre Othea de Christine de Pizan», *Studi di storia della civiltà letteraria francese: mélanges offerts à Lionello Sozzi*, 1, Paris, Honoré Champion, 1996, pp. 129-155.

² Cf. Gabriella Parussa, «Introduction», in Christine de Pizan, *Epistre Othea*, édition critique par Gabriella Parussa, Genève, Droz, 1999, p. 29n.

³ Trata-se das traduções efectuadas por Stephen Scrope, entre 1440-59, por Anthony Babington, na segunda metade do século XV, e por Robert Wyen, cerca de 1530. Cf. *idem, ibidem*, p. 29. Sobre a tradução de Stephen Scrope, ver Stephanie Viereck Gibbs, «Christine de Pizan's *Epistre Othea* in England: The Manuscript Tradition

variados domínios, produzidas por Christine de Pizan nos anos imediatamente subsequentes. A que atribuir, então, este sucesso, tanto mais, num contexto desfavorável ao reconhecimento de autoridade a uma mulher que, além de não desempenhar funções religiosas, admitia procurar na escrita uma forma de consolo e de sobrevivência pela morte do marido⁴, após a do rei Charles V, protector da sua família, e a do pai? Estudos vários têm procurado a resposta para esta questão na riqueza iconográfica de alguns manuscritos⁵, na novidade inerente ao sexo da sua autora (ancorada na proposta, embora implícita, de revisão do estatuto social e moral da mulher)⁶, ou ainda no modo inovador como a *Epistre Othea* se adequava ao horizonte de expectativas dos seus leitores, relendo, à luz dos códigos cavaleirescos e cristãos, episódios da mitologia antiga, de que se apresentava como um *vade mecum*⁷, ou conjugando características temáticas e formais próprias de géneros consagrados no seu tempo, como o género epistolar de orientação didáctica, as *summae* ou os espelhos

of Stephen Scrope's Translation», *Contexts and Continuities: Proceedings of the 14th International Colloquium on Christine de Pizan (Glasgow 21-27 July 2000)*, Published in Honour of Liliane Dulac, Angus J. Kennedy et alii (eds.), Glasgow, University of Glasgow Press, 2000, pp. 397-408.

⁴ Cf. Christine de Pizan, *Le Livre de l'Advison Cristine*, édition critique par Christine Reno et Liliane Dulac, Paris, Honoré Champion, 2001, pp. 100-113.

⁵ Cf. Millard Meiss, *French Painting in the Time of Jean de Berry: The Limbourgs and Their Contemporaries*, London, Thames and Hudson, 1974, pp. 23-41; P.G. C. Campbell, L'«*Epistre Othea*». *Etude sur les sources de Christine de Pizan*, Paris, Champion, 1924 apud Gabriella Parussa, «Le concept d'intertextualité comme hypothèse interprétative d'une œuvre: l'exemple de l'*Epistre Othea* de Christine de Pizan», *Studi Francesi*, 111, 1993, pp. 471-493; pp. 474-475. Gianni Mombello mostra, porém, que, além de haver versões não iluminadas da *Epistre Othea*, o número de miniaturas presentes nos manuscritos ilustrados é muito variável, podendo oscilar entre uma e cento e duas, como acontece com o ms. 9392 da Bibliothèque Royale de Bruxelles, que o autor data de 1460 (cf. *La Tradizione Manoscritta*, pp. 346-357). Nem todos os manuscritos possuem, de facto, um programa iconográfico completo (e tão significativo por ter sido concebido sob a supervisão de Christine de Pizan) como o ms. fr. 606 da BnF (integrado numa colectânea adquirida pelo duque de Berry, entre 1408 e 1409, de que faziam parte os mss. fr. 835, 836 e 605 da BnF) e o Harley 4431, conservado na British Library em Londres (parte, também, de uma colecção oferecida à Rainha Isabeau de Bavière, entre 1410 e 1415), que possuem, cada um, cento e uma iluminuras, cuja execução envolveu, segundo Desmond & Sheingorn, o recurso a alguns materiais raros e preciosos. Cf. Marilyn Desmond & Pamela Sheingorn, *Myth, Montage, & Visuality in Late Medieval Manuscript Culture Christine de Pizan's «Epistre Othea»*, Ann Arbor, The University of Michigan Press, 2003; pp. 18-19. O primeiro manuscrito de apresentação do texto, de que aqui me ocupo com maior pormenor, o ms. 848, possui apenas seis miniaturas não coloridas, que não justificam, naturalmente, por si só, o sucesso do texto. No entanto, Mary Ann Ignatius, reconhecendo embora que só alguns manuscritos possuíam um programa iconográfico completo, avança a possibilidade de um dos factores de atracção pela *Epistre Othea* (até na versão que dele apresenta o ms. 848) ser, justamente, a sua apresentação como objecto artístico e de contemplação. Cf. Mary Ann Ignatius, «Christine de Pizan's *Epistre Othea*: An Experiment in Literary Form», *Medievalia et Humanistica*, n. s. 9, 1979, pp. 127-142; pp. 132-133.

⁶ Cf. Christine Reno, «Feminist Aspects of Christine de Pizan's *Epistre d'Othéa à Hector*», *Studi Francesi*, 71, 1980, pp. 271-276; Diane Wolfthal, «'Douleur sur toutes autres': Revisualizing the Rape Script in the *Epistre Othea* and the *Cité des dames*», *Christine de Pizan and the Categories of Difference*, Marilyn Desmond (ed.), Minneapolis-London, University of Minnesota Press, 1998, pp. 41-70; Sylvie Jeanneret, «Texte et enluminures dans l'*Epistre Othea* de Christine de Pizan: une lecture politique?», *Au champ des écritures: IIIe Colloque international sur Christine de Pizan (Lausanne, 18-22 juillet 1998)*, Eric Hicks, Diego Gonzalez et Philippe Simon (éds.), Paris, Honoré Champion, 2000, pp. 723-736.

⁷ Cf. Judith L. Kelloff, «Christine de Pizan as Chivalric Mythographer: l'*Epistre Othea*», *The Mythographic Art: Classical Fable and the Rise of Vernacular in Early France and England*, Jane Chance (ed.), Gainesville, University of Florida Press, 1990, pp. 100-124.

de príncipes⁸. A proposta que aqui avanço, situando-se no âmbito desta última orientação genológica, visa, sem descurar a importância dos factores mencionados, avaliar o alcance, na legitimação deste texto e da entidade autoral que aparece como sua responsável, do tipo de apropriação aí efectuada sobre o modelo do comentário, de que a *Epistre Othea* se apresenta, desde o prólogo-dedicatória, como uma actualização.

É, de facto, aí que *Christine*⁹, dirigindo-se ao seu dedicatário, se apresenta e define o projecto que se propõe desenvolver:

Moy, nommee Christine, femme indigne
De sens acquis, pour si faite œuvre entreprendre,
A rimoiier et dire me vueil prendre
Un epistre qui a Hector de Troye
Fu envoyé, si com l'istoire ottroye¹⁰.

259

Segundo estas palavras, esta obra seria constituída pela reescrita versificada e pelo comentário de uma epístola enviada a Heitor de Tróia, por alguém que, no ms. 848, que Ouy e Reno mostraram ser autógrafo¹¹, é, pela primeira vez, identificado no f. 2r, já fora do prólogo, numa frase que precede a segunda e a terceira das seis miniaturas que integram o texto, após a primeira, que representa a tradicional cena de entrega do volume ao dedicatário: «Ci commence l'epistre Othea la deesse, que elle envoya a Hector de Troye quant il estoit en l'aage de quinze ans» (p. 197). Na ilustração que se encontra à esquerda, figuram quatro personagens: num primeiro nível, dois homens e um jovem, que uma inscrição identifica como Heitor; num plano superior, uma mulher que outra inscrição apresenta como *Othea* e *Prudence* estende ao jovem Heitor uma carta que ele recebe com a aprovação (talvez, até, com o incentivo) dos homens que o acompanham. Já a miniatura da direita, ilustrando uma passagem que só virá a surgir no f. 3r, constitui segundo James Laidlaw, um dos indicadores da in experiência de Christine de Pizan naquele momento¹². Ora, a inscrição paratextual da

⁸ Cf. Gabriella Parussa, «Le concept d'intertextualité comme hypothèse interprétative d'une œuvre» e «Instruire les chevaliers et conseiller les princes».

⁹ É assim que é designada a entidade autoral representada neste e noutros textos de Christine de Pizan, como o *Chemin de long estude*, a *Mutacion Fortune* e a *Avision Christine*, onde a mesma *Christine* é objecto de representações legitimadoras. Por essas razões, utilizarei «*Christine*» para a ela me referir e «Christine de Pizan» para designar a autora empírica desses textos.

¹⁰ Christine de Pizan, *Epistre Othea*, édition critique par Gabriella Parussa, Genève, Droz, 1999, p. 196; itálico meu. Todas as citações da *Epistre Othea* (a partir de agora seguidas do número da página em que se encontram) são extraídas desta edição, cujo manuscrito de base é o Harley 4431 (composto entre 1410 e 1411), mas de cujos manuscritos de controle fazem parte, entre outros, o ms. 848, de que aqui me ocupo; as variantes entre o manuscrito de base e os manuscritos de controle são apresentadas no final dessa edição, entre as páginas 343-379.

¹¹ Gilbert Ouy and Christine M. Reno, «Identification des autographes de Christine de Pizan», *Scriptorium*, 34, 1980, pp. 221-238; p. 227.

¹² O desfasamento verificado entre a terceira miniatura (no f. 2r) e o texto que lhe corresponde (que surge nos ff. 3r e v) vai repercutir-se nas relações entre as restantes três ilustrações do manuscrito e os respectivos textos: os textos relativos à quarta e à quinta miniaturas, representadas no f. 2v, encontram-se apenas nos ff. 3v-4r e 4r, respectivamente, ao passo que o texto correspondente à sexta miniatura, presente no f. 3r, aparece só no f. 4r. A estes indicadores de in experiência na planificação da execução do manuscrito, Laidlaw acrescenta as dificuldades impostas pelas diferentes extensões de cada *glosa* e de cada *alegoria* no cumprimento do modelo

aceitação da autoridade de Othea e do seu texto pelo seu destinatário aparece como o primeiro indicador da autenticidade e, portanto, da autoridade desta epístola, cuja matéria, sendo troiana, se revestia para o leitor francês de um maior interesse e actualidade, considerando a centralidade assumida por esse universo de referências na mitificação desenvolvida em torno da realeza francesa, no dealbar do século XV¹³. Mas, se a natureza divina da sua autora (indiciada pelo seu aparecimento sobre nuvens¹⁴) e o seu afastamento temporal (pressuposto pela identificação de Heitor como seu destinatário)¹⁵ conferem a essa carta uma dignidade que legitima o exercício exegético que sobre ela incide, só o comentário de *Christine* pode demonstrar a possibilidade de dela extrair os sentidos vários capazes de garantir a sua interpretabilidade e de caucionar a sua autoridade. Do mesmo modo que a integração do Antigo Testamento e de textos profanos no cânone ortodoxo foi proporcionada pela demonstração, por via do comentário, da sua adequação à verdade cristã, só o comentário efectuado sobre a carta de Othea poderia demonstrar a sua capacidade de gerar novos textos conformes a essa mesma verdade e, nesse sentido, autorizá-la.

O exercício de comentário empreendido parte do sectionamento da epístola em cem fragmentos (numa clara adesão ao que era considerado um ideal estético nesse momento¹⁶), dos quais os primeiros cinco apresentam uma extensão variável (entre 8 e 58 versos), assumindo os restantes a forma de quarteto. Em cada uma destas porções da missiva, designadas por *texte*, é formulado um conselho ou uma profecia, apoiados em alusões lacunares a uma figura ou a uma narrativa mitológica, a que se segue um comentário em prosa organizado em dois níveis diferenciados: a *glosa* aplica o conteúdo do fragmento ao domínio moral e formula um conselho destinado ao cavaleiro interessado em conquistar, no mundo terreno, a fama e a virtude cavaleiresca; a *alegoria* aplica-o às exigências da vida celeste ou espiritual. *Glosa* e *alegoria* recuperam, assim, respectivamente, aqueles que eram considerados, no modelo da exegese bíblica, o terceiro e o quarto níveis de sentido, a saber o tropológico e o anagógico, e mostram a sua aplicabilidade à carta de Othea. A

de empaginação escolhido, obrigando à adopção de diferentes tamanhos de letra e criando irregularidades no formato das colunas desses textos. Cf. J. C. Laidlaw, «Christine de Pizan: A Publisher's Progress», *The Modern Language Review*, 82, 1987, pp. 35-75; pp. 41-42.

¹³ Num dos primeiros versos do prólogo-dedicatória, é referida a origem troiana do destinatário: «Seigneurie tres droicturiere et monde, / D'estoc troyan anciãne noblece» (p. 195). Sobre o recurso à mitologia troiana na mitificação da realeza francesa, ver Kevin Brownlee, «Hector and Penthesilea in the *Livre de la Mutation de Fortune*: Christine de Pizan and the Politics of Myth», *Une Femme de lettres au Moyen Age: études autour de Christine de Pizan*, Liliane Dulac et Bernard Ribémont (éds.), Orléans, Paradigme, 1995, pp. 69-82; pp. 72-73.

¹⁴ Só uma rubrica presente apenas nos mss. 606 e Harley 4431 explicita que a representação das personagens «en nues» sinaliza a sua natureza divina (cf. Gabriella Parussa. «Introduction», p. 90): «Affin que ceulz qui ne sont mie clers poetes puissent entendre en brief la significacion des histoires de ce livre, est a savoir que, par tout ou les ymages sont en nues, c'est a entendre que ce sont les figures des dieux ou deesses de quoy la letre ensuivant ou livre parle, selon la maniere de parler des ancians poetes. Et pour ce que deyté est chose spirituelle et eslevee de terre, sont les ymages figurez en nues; et ceste premiere est la deesse de sapience» (p. 197).

¹⁵ «To be old was to be good; the best writers were the more ancient» (Alistair J. Minnis, *Medieval Theory of Authorship: Scholastic Literary Attitudes in the Later Middle Ages*, London, Scholar Press, 1984, p. 9).

¹⁶ «Une autre tendance se dessine, révélant que s'est estompé, sinon perdu, le sentiment de l'unicité et de l'intemporalité du chant: une autre unité se cherche, par-delà l'isolement, l'insularité du discours que précède et que clôt le silence. Plusieurs auteurs, non seulement réunissent en recueil leurs poèmes (spécialement, leurs ballades), mais ils les organisent en séries de cent, chiffre rond emblématique de quelque perfection désirée, sinon acquise» (Paul Zumthor, *Essai de poétique médiévale*, Paris, Éditions du Seuil, 1972, p. 324).

regularidade do esquema *texto-glosa-alegoria*, repetido cem vezes, é ainda reforçada pela presença, no final de cada *glosa*, da citação de um filósofo da Antiguidade, e, no final de cada *alegoria*, de duas citações (uma patrística e outra bíblica), numa progressão que denuncia o respeito por uma outra característica do gênero: a valorização dos textos canônicos ou autorizados pela Igreja como verdade última na direcção moral e espiritual exercida sobre o leitor.

O modelo de empaginação adoptado no ms. 848, após a dedicatória, também revela um esforço de adaptação ao esquema consagrado dos comentários bíblicos e de direito canónico¹⁷, em que cada fólio se encontra organizado em três colunas — o *texto* é colocado na do centro (precedido, até ao f. 3r, de uma miniatura), a *glosa* na coluna esquerda e a *alegoria* na direita; o tamanho de letra usado nos comentários é ainda, em todos os fragmentos, inferior ao do texto¹⁸. Talvez pela dificuldade inerente à sua execução, este modelo foi abandonado nas versões posteriores da *Epistre Othea* — de que o ms. fr. 606 da BnF, oferecido ao duque de Berry, é exemplo —, em que se optou pela disposição contínua, em duas colunas, do *texto*, da *glosa* e da *alegoria*, aí sempre precedidos de uma iluminura, num total de cento e uma, contando com a representação inicial da entrega do manuscrito ao seu dedicatário que precede o prólogo-dedicatória.

Embora qualquer uma destas opções permita discernir, mesmo antes da leitura, a maior extensão e, portanto, o predomínio do registo discursivo do comentário sobre o do *texto*, é da primeira que melhor sobressai o potencial semântico (sintoma, neste quadro cultural, da autoridade) da epístola de Othea, envolvida por considerações que se encontram na sua dependência. Mas, por outro lado, a condensação, que se verifica a partir do f. 4v do ms. 848, de três fragmentos num só fólio, distribuídos de acordo com o mesmo princípio,

¹⁷ «The glossed book's layout, difficult to set up and copy, was reserved for works that were among the most fully institutionalised (that is, "authorized" in the sense I have been developing in this chapter) — the Bible, especially the Psalms and the Pauline Epistles, books of canon law, and (by the late fourteenth century) the works of certain classical authors. The layout presents graphically the process of this authorization, for the compiled comments are written all around the author-text, keyed into it, *catena* fashion, via red underlinings, heuristic symbols, and other punctuation (in one early layout the Biblical words being commented on were written out in red and the commentary in ordinary dark ink). They are also among the most fully decorated of books — and they are those which must be fully memorized» (Mary J. Carruthers, «Memory and Authority», *The Book of Memory: A study of Memory in Medieval Culture*, Cambridge, Cambridge University Press, 1990, p. 215.) Minnis acrescenta, porém, que este modelo de empaginação começou a ser também utilizado «by those who wished to provide vernacular texts with an apparatus which at once described certain aspects of those texts and tacitly claimed a degree of prestige for them (because that apparatus was of the type which conventionally had accompanied the works of the revered *autores*). A good case in point is the *mise-en-page* of the most popular of all the vernacular translations of the *Consolatio* of Boethius, the 'Anonymous Verse-Prose Version' or 'Revised Mixed Version' as it is variously called (which has been studied intensively, and is being edited, by Glynnis Cropp). In some manuscripts the text is divided into short sections, each of which is followed by a section of French commentary, often marked 'glose' (the information coming, it would seem, from some version of the William of Conches commentary on Boethius). Here features of layout which had been developed in generations of scholastic manuscripts are being used in presenting a translation of an *author* to an audience of wealthy layfolk» (Alistair J. Minnis, *op. cit.*, pp. xi-xii).

¹⁸ É também isso que acontece num comentário que, segundo Carruthers, apresenta o formato completo deste modelo de empaginação: «the commentary compiled by Peter Lombard for the Psalms and the Epistles, a revision of the older compilation by Anselm of Laon. (...) The source-text is written in the center of the page on alternate lines in the large, careful hand known as *textualis formata*, and the commentary, hooked onto it via key-words and phrases, is written in a smaller hand around it» (Mary J. Carruthers, *op. cit.*, p. 215).

isto é, alinhando-se as três *glosas* à esquerda, os três *textos* ao centro e as três *alegorias* à direita¹⁹ (excepto no último fólio, o 20r, que contém apenas dois fragmentos), além de evitar espaços em branco que elevariam significativamente o custo do manuscrito, facilita a percepção da inexistência de qualquer forma de continuidade entre as várias secções do *texto*, desprovido de elementos articulatórios, que não a pertença dos exemplos aduzidos a um fundo mitológico comum e a convocação constante do destinatário «tu», de forma expressa ou subentendida nas formas verbais usadas. De facto, na *Epistre Othea*, a continuidade entre os diversos fragmentos é garantida pelo comentário de *Christine*, cujas interpretações, apesar da diversidade das personagens e dos episódios referidos no *texto*, se encontram organizadas, até ao fragmento 44, em função de sequências consagradas às virtudes cardeais (1-4), aos sete planetas (6-12), às virtudes teológicas (13-15), aos sete pecados mortais (16-22), aos artigos do credo (23-34) e aos dez mandamentos (35-44)²⁰, de acordo com esquemas organizativos típicos das *Summae* ou *Sommes*, manuais de moral religiosa de que constavam listas semelhantes às que se podem extrair da *Epistre Othea*²¹ e que, deste modo, a comentadora *Christine* mostra conhecer.

O carácter inesperado e até forçado de algumas das interpretações (como a narrativa dos amores malogrados de Píramo e Tisbe, que é interpretada como incentivo a que se honrem os pais e incluída numa sequência consagrada aos dez mandamentos²²) revela,

¹⁹ Só quando alguma das três glosas se revela demasiado extensa obriga à sua conclusão no início da coluna da direita. Tal verificara-se já nos ff. 2r e 4r e viria ainda a acontecer nos ff. 6v, 9v e 15r.

²⁰ Segundo Carrara, «La lunga sequela successiva è costituita dalla ripetizione, più o meno cadenzata, di alcuni temi: il ben agire, l'accettare i voleri di Dio, l'evitare il peccato, la necessità di disprezzare i beni del mondo, l'invito ad evitare l'ignoranza ed a seguire i buoni consigli, la fuga dalle vanità e l'amore dell'umiltà» (Eliana Carrara, «Mitologia antica in un trattato didattico-allegorico della fine del Medioevo: l'«Epistre d'Othea» di Christine de Pizan», *Prospettiva*, 66, 1992, pp. 67-86; p. 68).

²¹ Cf. Gabriella Parussa, «Le concept d'intertextualité comme hypothèse interprétative d'une œuvre», pp. 483-484.

²² O quarteto «Ne cuides pas estre certain / Ainçois la verité attain; / Pour un pou de presompcion, / Pyramus t'en fait mencion» é comentado, na *glosa*, do seguinte modo: «Pyramus fu un jovencel de la cité de Babiloïne, et tres que il n'avoit que .vij. and d'aage Amours le navra de son dard et fu espris de l'amour Tisbé, belle damoiselle et gente et sa pareille d'aage et de parage. Et pour la grant frequentise des .ij. amans ensemble, fu apperceue leur grant amour et par un serf fu accusee a la mere a la damoiselle, qui sa fille prist et enferma en ses chambres, et dist que bien la garderoit de la hantise Piramus. Grant fu la douleur des .ij. enfans pour celle cause, et leurs palins et plours moult piteux. Lonc temps dura celle prison, mais au feur que leur aage croisçoit, embrasoit en eulx l'amoureuse estincelle qui pour leur longue absence point n'estaignoit. Mais comme entre les palais des parens aux .ij. amans n'eust que une paroit, Tysbé avisa la paroit crevee par ou veoit la lueur de l'autre part, adont le mordant de sa ceinture ficha par la creveure, affin que son ami l'apparceust, ce que il fist assez briefment, et la firent souvent leurs assemblees les .ij. amans, a moult piteux complains. A la parfin, comme par trop amer contrains, fu leur accort tel que la nuit ou premier somme se emblerioient de leurs parens et devoient assembler soubz un morier blanc, hors de la cité, sus une fontaine ou en leur enface souloient jouer. Quant Tisbé fu venue a la fontaine, seule et paoureuse, adont ouy un lyon venir moult roidement, dont elle plaine de paour s'enfouy cacher en un buisson auques prochain, mais en la voye lui chay sa blanche guimple. Piramus vint, qui a la lueur de la lune apperceut la guimple, mais toute l'ot soulliee et ensanglantee li lyons qui sus ot vomy l'entraille d'une beste qu'il ot devouree. Oultre mesure fu grande la douleur de Piramus qui cuida s'amie devouree des fieres bestes, dont après moult piteux reclaims s'occist de son espee. Tisbé sailli du buisson, mais quant elle entent les sanglos de son ami qui mouroit et elle voit l'espee et le sanc, adont par grant douleur sus son ami chay qui a elle parler ne pot, et après plusieurs grans plains, regrais et pasmoisons, s'occist de la mesmes espee. Et dit la fable que pour ycelle pitié devint lors la mure noire qui estre souloit blanche. Et pour ce que par petite

justamente, o esforço de adaptação do comentário a uma solução interpretativa prévia tendente à criação de uma organização temática e discursiva ausente da carta de Othea, daí resultando, não o descentramento provisório que o comentário deveria impor ao texto comentado²³, mas a usurpação, pelas *glosas* e pelas *alegorias*, da centralidade e da continuidade que deveriam caracterizar a missiva que a Heitor é destinada. Por outro lado, o facto de essas interpretações, embora forçadas, serem conseguidas, se revela o *potencial interpretativo* (condição de autoridade) do texto a comentar, não deixa de redundar a favor do comentador, que, ao longo da obra, dá provas de destreza exegética e de uma capacidade de organização que, em vários passos deste manuscrito, exhibe já, embora ainda de forma titubeante. Disso exemplo é a obediência, ao longo de toda a obra, ao mesmo esquema organizativo, o já referido seccionamento do texto de Othea em cem fragmentos e a definição de um método na primeira glosa²⁴ e num prólogo à alegoria que só viria a ser assim designado em versões posteriores²⁵, sem que esse rigor obste à introdução de alguma criatividade, já que do respeito pela sequência *texto-glosa-alegoria*, da intercalação sistemática de citações de autoridades e da adequação a um programa hermenêutico de raiz teológica não resulta uma colação estéril nem repetitiva de materiais alheios, mas, por vezes, a proposta, quer pelo *texto*, quer pelo seu comentário, de leituras alternativas de algumas narrativas mitológicas — leituras essas que, por um lado, serviam a legitimação de *Christine* como mulher e que, por outro, colocavam em evidência a necessidade do comentário. A abordagem do caso de Medeia e de Jasão, no fragmento 54, é disso ilustrativa, já que a selecção da informação facultada, permitindo embora entrever a inversão das valorações axiológicas que as leituras tradicionais lhes atribuíam, solicita uma perspectiva integrante e explicativa: o *texto* instiga o leitor a não seguir o exemplo de Jasão, que não teria sabido reconhecer o auxílio que Medeia lhe havia prestado na conquista do Tosão de Ouro²⁶; mas é o comentário que identifica essa manifestação de ingratidão com a sua ligação com outra mulher, apesar da generosidade de Medeia, cuja sangrenta acção de vingança é omitida²⁷.

occasion avint si grant male aventure, dit au bon chevalier que a petite enseigne ne doit donner grant foy. A ce propos dit un sage: "Ne te rens mie certain des choses qui sont en doubte, ains que tu en ayes faite couvenable informacion". Ora, a interpretação proposta na *alegoria* para estes acontecimentos que, no *Ovide Moralisé*, fonte da narrativa aí sumariada, são entendidos como alerta para más interpretações, é: «De ce que il dit, que il ne cuide estre certain, pouons noter l'ignorance ou nous sommes soubz la correccion de pere et de mere; et pour les biens fais que nous de eulx recevons pouons entendre le quart commandement qui dit: "Honneures pere et mere". Le quel expose saint Augustin en disant que nous devons noz parens honorer en .ij. manieres: en leur portant deue reverence, et en leur aministrant leur neccessité. A ce propos dit le sage: "Honora patrem tuum et gemitus matris tue non obliviscaris in finem" Ecclesiastici, .vij.º capitulo » (pp. 253-255).

²³ Cf. Karlheinz Stierle, «Les lieux du commentaire», *Les commentaires et la naissance de la critique littéraire. France/Italie (XIV^e-XV^e siècles)*, Gisèle Mathieu-Castellani et Michel Plaisance (éds.), Paris, Aux Amateurs de Livres, 1990, pp. 19-29; p. 22.

²⁴ «Et comme les .iiij. vertus cardinalz soient neccessaires a bonne pollicie, nous en parlerons ensuivant. (...) et a nostre propos prendrons aucunes auctoritez des ancians philosophes» (p. 200).

²⁵ «Pour ramener a allegorie le propos de nostre matiere, appliquerons la Sainte Escripiture a noz dis, a l'edificacion de l'ame estant en cestui miserable monde» (p. 201). O ms. 606, assim como o Harley 4431, contém ainda indicações auxiliaadoras na leitura das iluminuras dos capítulos 1, 2, 6-12 e 14-18; pela sua natureza explicativa, estas rubricas reforçam o carácter didáctico do texto e a autoridade daquela que as fornece.

²⁶ «Ne ressembles mie Jason / Qui par Medee la toyson / D'or conquist, dont puis lui tendy / Tres mauvais guerredon et rendy» (p. 275).

²⁷ *Glosa*: «Jason fu un chevalier de Grece qui ala en estrange contree, c'est a savoir en l'isle de Colcos, par l'enditement de Peleus, son oncle, qui par envie sa mort desiroit. La avoit un mouton qui la toison avoit doree et

Encontramo-nos, portanto, perante uma comentadora que não procura apagar a sua perspectiva do comentário, que, por sua vez, aparece como *condição de leitura do texto*, como garante da sua compreensibilidade²⁸. Da opção, no processo assumido de reescrita, pela composição de um *texto* lacunar e por vezes desprovido de sentido, resulta, justamente, o *acréscimo da necessidade do comentário*, que se impõe, no acto de leitura, interrompendo a continuidade da carta com considerações cuja desvinculação do tempo histórico da recepção as destina a um horizonte de leitura trans-temporal²⁹. Por outro lado, se a

par enchantement estoit gardé, mais comme si fort en fust la conquete que nul n'y venist qui la vie n'y perdit, Medee, qui fille fu au roy de celle contree, tant pris grant amour en Jason que, par les enchantemens que elle savoit, dont souveraine maistresse estoit, donna charmes et apprist enchantemens a Jason, par quoy il conquist la toison d'or dont il ot honneur sur tous chevaliers vivans et fu restoré de mort par Medee, a qui il ot promis a tous jours estre loyaulx amis. Mais après foy lui menty et autre ama et du tout la laissa et relenqui, non obstant fust elle de souveraine beauté. Pour ce dit au bon chevalier que Jason ne doit ressembler, qui trop fu desconnoissant et desloyaulx a celle qui trop de bien lui ot fait ; comme ce soit villaine chose a chevalier et a tout noble de estre ingrat et mauconnoissant d'aucun bien, s'il l'a receu soit de dame, damoiselle ou autre personne, ains a tous jours lui en doit souvenir et le guerredonner a son pouoir. A ce propos dit Hermés: "Ne vueilles point attendre a remunerer a cellui qui t'a bien fait, car souvenir t'en doit a tous jours". *Alegoria*: «Jason, qui fu ingrat, ne doit le bon esperit ressembler, qui des benefices receus de son createur ne doit estre ingrat. Et dit saint Bernard sur Chantiques que ingratitude est ennemie de l'ame, amenrissement de vertus, dispercion de merites, perdicion de benefices. Ingratitude est aussi comme un vent sec qui seche la fontaine de pitié, la rosee de grace et le ruissel de misericorde. A ce propos dit le sage: "Ingrati enim spes tanquam hibernalis glacies tabescet et dispariet tanquam aqua supervacua". Sapiencie. Xvj.º capitulo» (pp. 275-276).

Do mesmo modo, Helayne é transformada em vítima da teimosia e da incapacidade manifestada por Paris em ouvir conselhos — *handicaps* que o tornam responsável pela destruição de Tróia (cf. capítulos 43, 68, 73, 75 e 77). Prova, no entanto, que a reabilitação da mulher aqui efectuada não é radical a alteração introduzida na narrativa da história da rainha Yno e do rei Athamas: na *Epistre Othea*, refere-se que Yno, pretendendo deserdar os seus enteados, despoleta a ira do rei, que, por sua vez, ao contrário do que, segundo Parussa, acontecia em todas as versões conhecidas desta história, executa a mulher e os filhos («Introduction», p. 79); ora, esta versão da história, eximindo embora Yno da condição de agente dessa acção e sugerindo a volubilidade do rei, humanizando-o, não isenta a figura feminina de responsabilidade pela morte dos dois jovens (cf. pp. 227-229). O efeito de exemplos como este é, justamente, o de contrabalançar as leituras que, beneficiando de modo inesperado a mulher, podem surgir como demasiado radicais e, portanto, como desautorizadoras de Christine, retirando-lhe credibilidade.

²⁸ A necessidade de compreender o texto de Othea adquire especial acuidade a partir da glosa do fragmento 88, onde *Christine* afirma que Heitor morreu por não ter seguido os conselhos de Othea e os de Andrómaca, sua mulher (cf. pp. 324-326); assim provando as vantagens inerentes à adopção dos ensinamentos de Othea, que ela reescreve e torna, por via do comentário, acessíveis a Louis d'Orléans e aos outros leitores da *Epistre Othea*, *Christine* valoriza a importância da sua tarefa de explicação e de mediação. No já citado artigo, «Le concept d'intertextualité comme hypothèse interprétative d'une œuvre», Gabriella Parussa mostra, justamente, que a sintaxe da *Epistre Othea* denuncia o cuidado, característico do discurso didáctico, de «explíciter tous les rapports de cause-à-effet, de rappeler les liens entre les explications qui sont offertes d'un seul et même phénomène», cuidado apoiado no que reconhece ser uma «volonté de clarté et de lisibilité» (pp. 486-487).

²⁹ Ainda assim, de acordo com uma característica do género identificada por Arnaldo Espírito Santo, «de quando em quando, [o comentário] emerge para a realidade extratextual», de forma geralmente implícita (cf. Arnaldo Espírito Santo, «Marcas genológicas de um comentário: Apríngio de Beja», *O género do texto medieval*, Cristina Almeida Ribeiro e Margarida Madureira (coord.), Lisboa, Edições Cosmos, 1997, pp. 145-156; pp. 151-153). Essa componente é atualizada, na *Epistre Othea*, através dos conselhos que, tendo embora, no texto, como destinatário imediato, Heitor, adquirem, por via do enquadramento que lhes é fornecido pelo comentário, um interlocutor potencialmente alargado, como, de resto, se admite no texto: «Hector, qui sembleblement peut estre a tous autres desirans bonté et sagece» (p. 200). Mas a orientação temática da carta de Othea, enquanto guia de formação moral e política para um jovem de quinze anos, não deixa também de abordar problemas e angústias

apresentação do texto comentado como o resultado de um exercício de reescrita não constituía uma prática nova e condenável, o facto de se tratar aqui de um texto de um autor de cujo nome não se encontram atestações anteriores à da *Epistre Othea*³⁰ confere a *Christine* quer a exclusividade do conhecimento do texto de Othea, quer uma autoridade exegética incontestável, dois atributos que, por seu turno, a convertem na *principal figura textual* representada nesta obra, a quem e a cuja versão e interpretação do texto o leitor não pode senão submeter-se.

Já no prólogo-dedicatória do ms. 848 era sensível o centramento *exagerado* na comentadora da carta de Othea, apesar dos constantes protestos de *captatio benevolentiae*, concretizados, por exemplo, na sua auto-caracterização como «Femme ignorant de petite stature» (p. 195). De facto, mesmo que perspectivada no quadro da evolução sofrida pelos prólogos dos comentários aos textos canónicos, que promoveu uma progressiva aproximação entre o *auctor* a comentar e o comentador³¹, a centralidade conferida a *Christine* adquire, no prólogo-dedicatória da *Epistre Othea*, uma dimensão excessiva e quase provocatória. Embora o elogio do dedicatário Louis d'Orléans e da sua linhagem seja desenvolvido nos primeiros dezasseis versos (interrompido apenas no quinto, para a invocação a Deus, que reaparecerá no verso 61) e, depois, retomado, a espaços, ao longo dos restantes versos da dedicatória³², a maioria do prólogo é consagrada à apresentação, não da alegada autora do texto, da sua intenção, da matéria por ela abordada e do seu método (questões fundamentais

próprias do momento em que a *Epistre Othea* foi composta: penso, nomeadamente, na educação do delfim Louis de Guyenne, tão mais premente quanto mais avançava a consciência da loucura de que padecia o seu pai, o rei Charles VI, e no papel que Louis d'Orléans, seu tio e destinatário expresso da *Epistre Othea*, é, nesse problema, implicitamente convidado a assumir. De acordo com Arnaldo Espírito Santo, esta «orientação do (...) conteúdo temático e doutrinal [do comentário], da escolha e da configuração dos argumentos utilizados, e da adaptabilidade à cultura e aos interesses do destinatário previsível», aqui, inscrito no texto (cf. p. 195), é outra das marcas genológicas do comentário (cf. *idem, ibidem*, p. 153).

³⁰ Cf. Gabriella Parussa, «Introduction», pp. 20-21n. A autora afirma aceitar a interpretação de G. Mombello, segundo a qual o nome de Othea recuperaria a expressão «Agios o Theos» usada num canto litúrgico do Sábado Santo muito conhecido na Idade Média (cf. Gabriella Parussa, «Introduction», pp. 20-21n). Essa expressão, traduzida, em latim, por «Sanctus Deus» poderia levar, de acordo com o autor, a que a assembleia, que deveria ouvir «Agios» e, depois, «Otheus», visse nesta última o equivalente de Deus. Othea corresponderia, nesse sentido, à sua feminização, sendo Othea a divindade no feminino. Cf. G. Mombello, «Recherches sur l'origine du nom de la Déesse Othea», in *Atti dell'Accademia delle Scienze di Torino*, 103, 1976, pp. 343-75, em especial pp. 369-375.

³¹ Minnis mostra que, enquanto os prólogos usados no século XII para o comentário do texto bíblico privilegiavam uma leitura alegórica que os dispensava de considerar a humanidade dos seus *auctores* humanos, tidos como meros veículos de uma palavra divina cujo sentido não podia ser encontrado na *letra* (pp. 46-47), a revitalização, no início do século XIII, da epistemologia aristotélica, tal como ela era então interpretada, promoveu uma reorientação na abordagem dos textos bíblicos, patente, em particular, na valorização da vida e do comportamento do autor humano responsável pela *letra* e na correlata valorização do nível literal das Escrituras. Mas a introdução, nos prólogos aristotélicos, de novas categorias, como *duplex causa efficiens* (respeitante ao *auctor divino*, primeira causa eficiente, e ao *auctor humano*, causa operativa ou instrumental do primeiro), *causa materialis* (referente aos materiais e às fontes usadas), *causa formalis* (relativa ao método de abordagem e à organização das matérias) e *causa finalis* (atinente ao objectivo pretendido com o trabalho), denunciando um maior interesse pelo trabalho do *auctor* humano, afecta, também, o estatuto do comentador, que, pela condição humana que com ele partilha, é dele aproximado — o que não significa, como aí é mostrado, que ele apareça como parte integrante desses mesmos prólogos (cf. Alistair J. Minnis, *op. cit.*, pp. vii-117).

³² «Mon redoubté», «Mon redoubté seigneur, humain et sage», «prince tres louable et benigne», «mon redoubté seigneur», «personne si tres digne» (pp. 196-197).

mesmo nos prólogos mais tardios³³), mas à apresentação da comentadora *Christine*, da sua filiação (de que sobressai o seu pai e de onde deriva a reivindicação de uma autoridade baseada no conceito de *linhagem intelectual*³⁴), da sua intenção, da matéria sobre que trabalha e do método por si adoptado na execução da sua *Epistre Othea*³⁵. Essa centralidade é tanto mais evidente quanto, contra toda a prática instituída pela tradição do comentário, o nome da autora do texto a comentar está ausente dos prólogos-dedicatórias dirigidos em 1401 a Louis d'Orléans e a Henry IV de Inglaterra, onde, logo após a invocação da autoridade da História, as circunstâncias em que a carta teria sido concebida são apresentadas como hipotéticas (o que põe em causa o sentido e a autoridade da epístola, enquanto produto de um investimento divino para um determinado fim):

A rimoier et dire me vueil prendre
Un epistre qui a Hector de Troye
Fu envoyé, si com l'istoire otroye;
Se tel ne fu, bien post estre semblable (p. 196).

O nome de Othea viria a constar apenas dos prólogos-dedicatórias destinados a Philippe le Hardi (1403) e ao duque Jean de Berry (1405 ou 1406), que são, justamente, aqueles em que o carácter ficcional da carta, texto de autoridade a partir do qual o comentário se desenvolve e a sua legitimidade se define, é, com a expressão «Faignant qu'au bon Hector fu envoyé» (pp. 506 e 508), explicitamente assumido.

A ficcionalidade da construção só foi, portanto, assumida, quando Christine de Pizan possuía já uma obra relativamente extensa e gozava já de «reputação internacional»³⁶, num

³³ Relegada para o primeiro fragmento da carta, no contexto da apresentação de Othea ao seu destinatário Heitor, a resposta a estas questões aparece já como da responsabilidade do *autor* a comentar: «Othea, deesse de prudence, / (...) A toy Hector, noble prince poissant, / (...) Par mon epistre amonnester / Te vueil et dire et enorter / Les choses qui sont necessaires / A haulte vaillance, et contraires / A l'opposite de proueece, / Affin que ton bon cuer s'adrece / D'acquerir, par bonne escole, / Le cheval qui par l'air s'en vole» (pp. 197-198).

³⁴ «D'umble vouloir, moy, povre creature, / Femme ignorant de petite estature, / Fille jadis philosophe et docteur / Qui conseiller et humble serviteur / Vostre pere fu, que Dieu face grace, / Et jadis vint de Boulongne la grace / Dont il fu né, par le sien mandement, / Maistre Thomas de Pizan, autrement / De Boulongne fu dit et surnommé, / Qui sollempnel clerc estoit renommé / (...) je n'ay sentement / En sens fondé, n'en ce cas ne ressemble / Mon bon pere, fors ainsi com l'en emble / Espis de blé en glenant en moissons / Par mi ces champs et coste les buissons, / Ou mièttes cheans de haulte table / Que l'en conquelt quant li mes sont notable; / Autre chose n'en ay je recueilli / De son grant sens, dont il assez cueilli» (pp. 195-196). Creio também que a apologia da medicina, em detrimento da feitiçaria, pode constituir um modo de, implicitamente, convocar a autoridade do seu pai (identificado, no prólogo, como físico e astrónomo do rei) e, portanto, a sua própria autoridade enquanto sua descendente (cf. pp. 255-256). O mesmo acontece ao sugerir, sem as explicitar, pelo recurso à *detractio*, possíveis significações astronómicas das narrativas de Semeslé (cf. p. 287) e de Hermofrodicus (cf. p. 316).

³⁵ A intenção é entrecortada por constantes protestos de humildade nos versos: «En derisant faire, se je savois, / Chose plaisant qui vous meist en voye / D'aucun plaisir, ce me seroit grant gloire, / Pour ce entrepris ay, d'indigne memoire, / Presentement ceste oeuvre a rimoyer, / Mon redouté, pour la vous envoyer / Le premier jour que l'an se renouvelle» (pp. 195-196). Segue-se-lhe, não a apresentação, mas uma apreciação da matéria a abordar («moult en est la matiere nouvelle, / Tant soit elle de rude entendement / Pourpensee», *ibidem*), que só é explicitada perto do final, já depois da definição do método usado: «A rimoier et dire me vueil prendre / Un epistre qui a Hector de Troye / Fu envoyé, si com l'istoire otroye; / Se tel ne fu, bien post estre semblable, / Et ens ara maint vers et maint notable / Bel a ouyr et meilleur a entendre» (p. 196).

³⁶ «En cette année 1405, quand elle rédige l'*Avison*, Christine de Pizan a déjà acquis une réputation internationale. Le nombre des mécènes qui s'intéressent à ses œuvres augmente; deux ans plus tôt, elle a composé

momento em que a consequência imediata decorrente da *suspensão da autoridade*³⁷ de natureza divina a que assim se procedia — a transferência da autoridade devida ao texto e a Othea para *Christine* — não afectava já a legitimidade do enunciado. A sugestão inicial dessa ficcionalidade permitira, entretanto, que, a par do reconhecimento devido ao seu trabalho de reescrita, de comentário e de vulgarização de um texto alegadamente antigo em vernáculo, a autoridade reconhecida a Othea lhe pudesse ser indexada³⁸, impedindo, porém, a ilegitimação e a diluição do projecto que uma confissão precoce comportaria.

A dissociação provisória entre a autora do texto a comentar e a sua comentadora foi, portanto, a estratégia enunciativa que permitiu a *Christine*, primeiro, demonstrar a sua competência exegética e o seu interesse pela *translatio studii*, e, em virtude do sucesso desse e dos outros exercícios a que entretanto se consagrou, reivindicar, depois, o reconhecimento da sua aptidão para desempenhar as actividades dos poetas, que descreve, na *glosa* do capítulo 22, como a criação de textos destinados a promover a capacidade associativa dos homens e a aguçá-la a sua subtilidade:

A ceste fable peuent estre mises plusieurs exposicions et semblablement aux autres teles fables, et pour ce les firent les poetes que les entendemens des hommes s'aguissassent et soubtillassent a y trouver diverses exposicions (p. 235).

Porque a autorização de um texto se situava a jusante do processo de produção-recepção textual ou, nas palavras de Mary Carruthers, porque «it is commentary and imitation which make a text an “auctor” — not the activities of its writer but of its readers»³⁹, a acoplagem,

une monumentale histoire universelle en vers, la *Mutation de Fortune*, qui lui a valu de Philippe le Hardi la commission d'écrire la vie de Charles V: le *Livre des fais et bonnes meurs du sage roy Charles V*, qui constitue désormais un modèle politique pour les milieux les plus puissants du royaume, est aussi un modèle littéraire, et Christine s'est vu inviter dans deux cours étrangères, celle d'Angleterre et celle de Milan» (Christine Reno et Liliane Dulac, «Introduction», *Le Livre de l'Advision Christine*, Paris, Honoré Champion Éditeur, 2001, pp. xii-xiii).

³⁷ É a própria Christine que aplica esta expressão a Othea na *alegoria* do capítulo 27. Na *alegoria* do capítulo 18, onde, pela primeira vez, registei a sua ocorrência, não é claro se essa designação se refere a Othea ou a Sócrates, dado o facto de, por efeito da abreviação a que é submetido, o texto da autoridade poder aplicar-se tanto a uma como a outro (cf. pp. 229-230) — o que não acontece na *alegoria* do capítulo 27, onde as palavras de Othea são citadas textualmente, apresentando apenas alterações na ordem por que aparecem na frase, que podem dever-se às transformações a que a mudança para o discurso indirecto obrigou ou a um esforço de clarificação (cf. pp. 240-241). O mesmo se verifica nas *alegorias* dos capítulos 32 e no texto do capítulo 100, onde Othea designa os seus ensinamentos como «auctoritez» (p. 340).

³⁸ Que Othea não era forçosamente identificada com Christine provam-no algumas inscrições presentes em alguns manuscritos da *Epistre Othea* citadas por Mombello: «Voici ce que l'on trouve au f. 2 v du ms. 495 du Musée Condé de Chantilly: “Cy commence l'epistre Othea la deesse, qu'elle envoya a Hector de Troye quant il estoit en l'aage de quinze ans, laquelle epistre translata ung souverain clerc de grec en latin; la dessusdicte epistre Christine de Pizan la translata de latin en françois en telle rime et gloze et allegorie comme il s'ensuit”. Le copiste du ms. 929 de la Pierpont Morgan Library (anc. Philipps, 2964) paraît croire également que l'*Epistre* avait été écrite dans une langue autre que le français et que dame Christine de Pisan, citoyenne de Paris, dicta et reduisit en langage françois”. Au XVI^{ème} siècle, le bibliothécaire qui laissa une inscription sur le ms. fr. 2141 crut lui aussi que le texte de l'*Epistre* avait été “traduit” par Christine. Comme on voit, on a accordé à la fiction de notre poétesse plus de foi qu'on pourrait penser” (Gianni Mombello, «Recherches sur l'origine du nom de la Déesse Othea», p. 374n).

³⁹ Cf. Mary J. Carruthers, *op. cit.*, p. 214.

ao texto de Othea, dos indicadores da sua boa recepção, garante e *abrevia* (e este é um factor determinante, dadas as dificuldades financeiras que Christine de Pizan atravessaria) o reconhecimento da sua autoridade, um processo que, sendo social e comunitário⁴⁰, era também lento e não garantido.

Num período em que, como mostra Minnis, o conceito de *auctor* ainda era afectado por uma circularidade que vedava o acesso de um escritor vivo à posse desse estatuto⁴¹, Christine de Pizan atribui o seu texto a uma entidade cuja natureza divina o torna digno de um comentário que, por seu turno, o autoriza; para isso, Christine de Pizan desempenha várias tarefas que requeriam a posse de diferentes tipos de autoridade que não lhe podiam ser reconhecidos: a autoridade de fazer uso, para fim público, da palavra escrita, reservada aos homens; a autoridade de comentar, própria dos universitários e dos clérigos, assente numa autoridade crítica que lhe permitiu discernir naquele texto (que é, afinal, o seu texto) qualidades dignas de fazer dele um texto comentável; a autoridade de criar um texto a que confere o estatuto de autoridade e a autoridade divina, cuja palavra afirma, numa primeira instância, reescrever e que, depois, admite ter forjado.

Para concluir, a subversão do modelo do comentário, através da criação de uma ficção autoral que institua a separação, ainda que provisória, entre autora e comentadora, da aplicação de técnicas de interpretação tradicionalmente reservadas para textos antigos a uma carta moderna e da sobrevalorização do comentário e da comentadora do texto de Othea, pode, a par de outros que comecei por enunciar, ser considerada um dos meios utilizados por Christine de Pizan na legitimação da *Epistre Othea*. Mas este mesmo texto, tal como a sua produção subsequente, em particular aquela cuja concepção se situa no seu período de autorização, é marcado por muitas outras *subversões legitimadoras*, sensíveis nas representações iconográficas executadas sob a supervisão de Christine de Pizan, nas suas opções poéticas, retóricas e genológicas, e até no modo pouco habitual como os seus circuitos de produção e de distribuição eram por ela geridos e controlados. O binómio que titula este ensaio pode por isso, com proveito, legitimar outras incursões por esses textos cristinianos, sem assim subverter o respeito pela sua natureza compositiva.

⁴⁰ Cf. *idem, ibidem*, p. 189.

⁴¹ «(...) the work of an *auctor* was a book worth reading; a book worth reading had to be the work of an *auctor*. No 'modern' writer could decently be called an *auctor*» (Alistair J. Minnis, *op. cit.*, p. 12).